

FINISTERRA

UMA REVISTA COM TRINTA E CINCO ANOS DE PRESTÍGIO CIENTÍFICO

ILÍDIO DO AMARAL ¹

1. Há 35 anos foi publicado o primeiro número de *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, em cuja apresentação Mestre Orlando Ribeiro, seu progenitor, escreveu o seguinte: «O aparecimento de uma revista portuguesa de Geografia não carece de largos comentários, de tal modo e há tanto tempo a sua falta se fazia sentir. Por isso também este desígnio estava há muito entre os planos de trabalho do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Graças ao prestimoso auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, que tanto se esforça em renovar o ambiente científico nacional, e a uma conjugação de boas vontades dos colaboradores daquele agrupamento de geógrafos, pode agora realizar-se, em condições de eficácia, um projecto há tantos anos amadurecido» («Orientação», *Finisterra*, 1966, I(1), p. 5).

Agradeço o amável convite de Maria João Alcoforado, actual Directora da Revista, para escrever, como um dos seus fundadores, um texto comemorativo dos 35 anos de existência. É com profundo agrado e alguma emoção que o faço, invocando as minhas recordações de quanto se passou até ao aparecimento do primeiro número e a sua evolução posterior, enquadrando isso em acontecimentos diversos que considero significativos. Começo, desde já, com uma afirmação que assumo, sem qualquer receio de acusação de parcialidade: *Finisterra* ganhou, rapidamente, prestígio no país e no estrangeiro, comprovado por testemunhos inconcussos.

Tendo em conta que o Centro de Estudos Geográficos de Lisboa foi criado em 1943 pelo Instituto de Alta Cultura (organismo coordenador e financiador da investigação científica universitária e de outras actividades, extinto em 1976), durante muitos anos, em face da escassez de verbas que lhe eram atribuídas, foi preciso operar verdadeiros milagres para manter o ritmo de trabalhos, que muito se ficavam a dever à forte personalidade e dinamismo do seu fundador e director, Orlando Ribeiro, e à dedicação de um pequeno número de colaboradores. Nunca é de mais lembrar que uma parte desse grupo inicial deu provas do seu valor ao vencer os desafios da realização do XVI Congresso

¹ Geógrafo, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Um dos fundadores da Revista *Finisterra*, seu colaborador e do Centro de Estudos Geográficos. Director do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical.

Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, de 8 a 15 de Abril de 1949, quando ainda se faziam sentir os efeitos da II Guerra Mundial na maioria dos países europeus. Inscreveram-se cerca de 780 participantes, representando, ao todo, 37 países. Quatro volumes de Actas, um de Resumos das Comunicações e seis Livros-guias de excursões (no Continente e na Madeira), além de outros documentos, preparados no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, deram elevado testemunho do seu papel, embora vivesse os primeiros seis anos de existência, em condições difíceis.

Entrei para o grupo do Centro em Outubro de 1958, mas o primeiro contacto pessoal com Orlando Ribeiro teve lugar quatro anos antes. Um dia, enquanto frequentava, como aluno voluntário (trabalhador-estudante), as cadeiras da licenciatura de Geografia ministradas na Faculdade de Ciências, ao mesmo tempo que finalizava o curso de Contabilidade do Instituto Comercial de Lisboa, decidi procurar o afamado Mestre nas instalações do Centro na Travessa do Arco a Jesus, a montante da Rua da Academia das Ciências, em edifício que partilhava com o Centro de Estudos Filológicos, para o conhecer, pessoalmente, e pedir autorização para assistir a algumas das suas aulas, pois de Geografia nada se aprendia nos dois primeiros anos. Estes eram preenchidos com Matemáticas Gerais, Física Geral, Botânica Geral, Zoologia Geral, Mineralogia e Geologia Geral, Desenho Topográfico e Cartográfico, Geografia Física e Física do Globo, Geografia Matemática (semestral), na Faculdade de Ciências, e dependia da aprovação em todas elas a passagem para a Faculdade de Letras onde eram leccionadas seis de Geografia (História da Geografia, Geografia Geral, Geografia Humana-semestral, Geografia de Portugal, Geografia Colonial Portuguesa e Geografia Política e Económica), a par de duas de História (de Portugal, e dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa) e uma de Etnologia-semestral.

Orlando Ribeiro ficou surpreendido com o pedido, conversou comigo durante algum tempo, nomeadamente sobre Luanda, cidade onde nasci, e acerca de Angola, aceitou a minha pretensão e apresentou-me aos seus colaboradores científicos, na altura Raquel Soeiro de Brito e Francisco José Vasques Tenreiro, Assistentes da Faculdade de Letras, e ainda Manuel Viegas Guerreiro, professor efectivo dos liceus destacado para trabalhar no espólio de José Leite de Vasconcelos. Conheci também os colaboradores administrativos (António Machado Guerreiro, que já era, e continuou a ser, durante muitos anos um dos pilares do Centro, e António Miguel Agostinho) e técnicos (os desenhadores José Mourão e Humberto Avelar).

Iniciei assim a minha presença, irregular, no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, mal sabendo que, findo o curso, com provas finais (de várias matérias) e defesa de dissertação de licenciatura, receberia o honroso convite do Mestre para 2.º Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e seu colaborador. Dado que na altura estava empregado no Banco Português do Atlântico e já aceitara fazer parte de um pequeno grupo de quadros dessa instituição para ir iniciar as actividades do recém-criado Banco

Comercial de Angola em Luanda (cidade que eu deixara em 1943), desafio aliciante porque iríamos quebrar a longa hegemonia e exclusividade do Banco de Angola, ficou adiada, por cerca de dois anos, a minha entrada para a carreira de docente universitário. Além dos compromissos profissionais, tirei partido da permanência em Luanda para estudar a cidade, coleccionando informações documentais e resultados de inquéritos, e para fazer uma viagem por uma parte do noroeste de Angola, primeiro contacto com áreas que haveria de percorrer, mais tarde, já na qualidade de investigador interessado nos problemas geomorfológicos.

Regressei a Lisboa em Outubro de 1958, para iniciar nova vida, por pouco tempo na Travessa do Arco a Jesus, pois estava-se em fase de transferência da Faculdade de Letras, das velhas instalações no Convento de Jesus, para o edifício acabado de construir e equipar na Cidade Universitária, onde também foi acolhido o Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Alta Cultura. Com base no meu percurso profissional, Orlando Ribeiro atribuiu-me a regência de Geografia Política e Económica da estrutura do curso em vias de extinção e as aulas práticas de Geografia Física I da nova reforma. Entre os alunos da primeira cadeira contavam-se Carminda Cavaco e Isabel Marques Medeiros que, ainda hoje, se lembram com humor de como eu os «massacrava» com exercícios econométricos e siglas do tipo CIF e FOB do comércio externo, e muitas outras. Entretanto, o curso de Geografia recebera novo modelo, fixado agora na Faculdade de Letras, ainda que algumas cadeiras dos dois primeiros anos continuassem a ser ministradas na Faculdade de Ciências: Curso Geral de Mineralogia e Geologia, Curso Geral de Botânica, Curso Geral de Zoologia, Geologia, Desenho Topográfico-semestral.

Contratado como 2.º Assistente e admitido no grupo de colaboradores do Centro de Estudos Geográficos, participei, activamente, na montagem deste organismo nas novas instalações e fui encarregado da parte administrativa e de outros sectores. Guardo vivas as conversas com o Mestre, quer no Centro, quer em sua casa, na Rua do Monte do Carmo, onde ele gostava de reunir os colaboradores científicos em jantares de trabalho, quer nas inúmeras excursões por várias áreas do País e do estrangeiro, quer em almoços quinzenais na casa-de-pasto «Quebra-Bilhas» (sob as parreiras do quintal quando havia bom tempo), que permitiram aumentar e aprofundar a minha aprendizagem de geógrafo.

Dentre os muitos assuntos tratados em tais momentos um ganhou carácter de recorrente: a criação de uma revista do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Era um projecto antigo, que eu já tinha ouvido o Mestre referir em aulas e em Colóquios quinzenais realizados com a participação de docentes universitários e do ensino secundário, de licenciados em áreas afins da Geografia e em muitas outras. Constituíam momentos agradáveis de convívio cultural, de actualização e permuta científicas, de enriquecimento de saberes. Eram, também, uma forma do Centro congregar alunos, antigos alunos e muitas outras pessoas com interesses geográficos. Praticava-se, assim, aquilo que Orlando Ribeiro viria a escrever a propósito de *Finisterra*, em 1966: «as páginas da revista estão

abertas a todos os que, entre nós, cultivem estudos geográficos ou matérias afins, na margem, necessariamente imprecisa, em que as Ciências se tocam, se recobrem e se confundem».

O projecto da revista – sem nome particular até 1965 – foi sendo alimentado com várias propostas quanto ao conteúdo, à forma e ao tamanho e, durante algum tempo, chegou mesmo a pensar-se numa Revista de Geografia e Antropologia, quando António Jorge Dias, Professor Catedrático do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (hoje Ciências Sociais e Políticas), ilustre Mestre da Antropologia, assumiu as regências das cadeiras de Etnologia, Geral e Regional, do 3.º e 4.º anos do curso de Geografia, abertas também, como opções, a alunos de outras licenciaturas da Faculdade de Letras. A aprovação de diploma legal da criação do Museu de Etnologia do Ultramar, em 1965, com a previsão de publicações próprias, fez retomar o propósito inicial de uma Revista Portuguesa de Geografia do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa.

Entretanto, o curso de Geografia passava por verdadeira «explosão demográfica». Iam longe os tempos em que Orlando Ribeiro dizia, com humor, que chegara a ser «professor de aluno e meio», quando, na velha Faculdade, instalada numa parte do Convento de Jesus, apenas tinha as regências de uma cadeira anual e outra semestral (Geografia de Portugal e História da Geografia), e os alunos eram escassos – em determinado ano apenas um! –, mais ainda quando filtrados pelo funil dos dois primeiros anos do curso na Faculdade de Ciências. Nos anos 60 aumentavam os estudantes, contratavam-se mais assistentes, dilatavam-se as actividades do Centro de Estudos Geográficos, com mais colaboradores, uns docentes da Faculdade, outros bolseiros pagos pelo Instituto de Alta e Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1958 a Junta de Investigações Científicas do Ultramar criava o Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar, depois de ter financiado a Missão de Geografia da Índia (1955-1956, Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito e Mariano Feio), em 1959 a Missão de Geografia Física do Sul de Angola (Mariano Feio) e em 1960 a Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito, Alfredo Fernandes Martins, Francisco Tenreiro, Ilídio do Amaral, Lucília Gouveia) todas com sede no Centro. Na fundação dos Institutos de Investigação Científica de Angola e de Moçambique, em 1957, bem como na dos Estudos Gerais Universitários dos mesmos territórios (antecessores das Universidades de Luanda e de Lourenço Marques), em 1962, o Centro de Estudos Geográficos e a secção de Geografia da Faculdade de Letras marcaram presenças. Em 1966 a entrada de Suzanne Daveau como Directora de Investigação do Centro, partilhando a direcção de *Finisterra* com Orlando Ribeiro e comigo, veio aumentar ainda mais as perspectivas de desenvolvimento dos estudos da «Escola Geográfica de Lisboa» e da edição da revista em fase de nascimento.

Não deixou de pesar, pelo menos para mim, o que me foi dado apreender nos dois primeiros Congressos Internacionais de Geografia a que assisti, de

Estocolmo (XIX^o) em 1960 e de Londres (XX^o) em 1964, onde muitas instituições geográficas apresentavam boletins e revistas. A diversidade de assuntos, a especialização cada vez maior nos grandes domínios da Geografia, a tendência aparente da sua desintegração demonstravam a necessidade de difundir, adequadamente, as novidades, de criar um órgão para esse efeito, que permitisse desenvolver o espírito de colaboração dos seus cultores. Em 1964 era visível a perplexidade que, muitos anos antes, já Henri Baulig manifestara: «*Mais alors ... que restera-t-il de la géographie?*» (H. Baulig, «*La géographie est-elle une science?*», *Annales de Géographie*, 1948, 57, pp. 1-11).

Urgia pois concretizar o projecto da Revista e, para recuperar o tempo perdido, entrou-se num período de frenesim com a preparação dos originais (dactilografia, com cópias a papel químico, ilustração gráfica, etc.) que preenchessem os dois primeiros números, uma vez decididas a sua publicação semestral (dois números por ano e volume), a quantidade de páginas e a estrutura, que ainda hoje se mantêm: cada número entre cerca de 150 e 200 p., com Artigos, Notas e Recensões, e *Varia* (Notícias, Elementos estatísticos, Documentos para o ensino, Actualizações bibliográficas e outros temas). A Fundação Calouste Gulbenkian, que incluía o Centro nos seus encargos de financiamento da actividade científica universitária, com base num projecto que lhe fora apresentado, já se tinha manifestado favorável à concessão de uma verba para a edição da Revista. Foi escolhida a Tipografia Alcobacense, de Alcobaca, através de consultas a diversas empresas, não só por apresentar preço próximo do limite estabelecido pela Fundação, mas também pela qualidade do trabalho, que conhecíamos pelo que produzia para os Serviços Geológicos.

Para mim que assumira, com a preciosa ajuda de António Machado Guerreiro, as responsabilidades das acções práticas e burocráticas para a concretização do projecto, além de contribuir com notas e recensões, havia outro motivo de urgência. Tinha tudo pronto para ir passar o ano lectivo de 1965-1966 no Instituto de Geografia da Universidade de Munique, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, para trabalhar com especialistas das Regiões Tropicais, como Herbert Louis (Geomorfologia) e Hans Gierloff-Emden (Climatologia e Hidrologia), e ter a possibilidade de contactar com Julius Büdel (Geomorfologia), docente noutra Universidade alemã. Por nada do mundo queria perder essa oportunidade, já que não pudera fazer estágio longo no estrangeiro antes do doutoramento, por força do serviço docente em Lisboa, na Faculdade de Letras e no Curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde iniciara a leccionação de duas cadeiras de Geografia. Apenas tivera a ocasião de aproveitar, logo no primeiro ano de docência (1958-1959), um estágio de alguns meses no sector de Previsão de tempo e Cartas sinópticas do Serviço Meteorológico Nacional localizado no Aeroporto de Lisboa, e em 1962 dois meses no *Institut Géographique National*, St. Mandé-Paris, para frequentar um curso intensivo de aerofotogrametria e interpretação de fotografias aéreas estereoscópicas. Por isso mesmo tudo se organizara para a entrega atempada dos originais do número inicial da Revista na Tipografia Alcobacense e a revisão

das primeiras provas. Nunca tinha entrado numa tipografia e devo confessar que fiquei tão interessado na aprendizagem dos processos tipográficos – naquela altura manuais e mecânicos – que nunca mais deixei de acompanhar de perto, com renovado prazer, a impressão dos meus trabalhos e a evolução da arte tipográfica, hoje totalmente informatizada.

Tenho de enaltecer o quanto eu e *Finisterra* ficamos a dever a António Machado Guerreiro (até 1968 o Guerreiro ou Sr. Guerreiro, consoante o grau de intimidade, e a partir daí, uma vez licenciado em Filologia Românica, o Dr. Machado Guerreiro), o colaborador mais antigo do Centro de Estudos Geográficos e um dos seus «pilares», como Orlando Ribeiro gostava de dizer, acrescentando que ele, o Guerreiro e duas mesas de trabalho tinham sido os primeiros «móveis» da fundação. Machado Guerreiro tomou a seu cargo todas as tarefas de preparação dos textos para a impressão e de revisão cuidada e autorizada das provas tipográficas. Recordo o amigo fiel, o trabalhador incansável, verdadeiro homem de sete ofícios, de absoluta dedicação ao Centro; relembro, com saudades, as nossas conversas sobre teatro e literatura (sobretudo a portuguesa), nos poucos momentos de ócio, duas áreas que nos apaixonavam e sobre as quais nem sempre tínhamos opiniões concordantes.

O título de *Finisterra* surgiu no decorrer de uma viagem de estudo com Orlando Ribeiro pelo Noroeste da Península Ibérica, para observação das belas e afamadas rias galegas, não estando longe dos nossos pensamentos a terna e sofrida poesia de Rosalía de Castro e o vigor quase telúrico da prosa de Ramón Otero Pedrayo, geógrafo, novelista e contista, ou de Vicente Risco, ilustres filhos da Galiza. E fomos dar ao cabo Finisterra, lá no extremo setentrional da ria de Corcubión, num daqueles momentos que Rosalía de Castro caracterizou do seguinte modo: «era apacible el día / y templado el ambiente, / y llovía, llovía / callada e mansamente» (R. de Castro, *En las orillas del Sar*). Impregnados de um sentimento comum, sob a influência do que víamos, nesses contactos rendilhados das terras com o mar, o cabo indicou, indelevelmente, o nome que se procurava para a Revista: *Finisterra*.

Como Orlando Ribeiro definiu nas páginas da «Orientação», na portada do primeiro número, a Revista reservou «um lugar a artigos teóricos e preocupações metodológicas, por onde, mais ainda que pelo acúmulo de factos, as ciências abrem novos horizontes de pesquisa». Convidando «os grandes mestres do pensamento geográfico» a honrarem a revista «com a sua colaboração», concretizava-se «o propósito de fazer de *Finisterra* não um lugar isolado da Ciência mas uma janela aberta para o mundo».

2. Passados dez anos, a Direcção de *Finisterra*, sendo Secretário Carlos Alberto Medeiros, abriu o décimo-primeiro volume com um texto intitulado «Linhas de Rumo» (*Finisterra*, 1976, XI(21), pp. 5-11), o qual dava informações sobre a sua difusão, representada, na altura, por 197 permutas com outras revistas ou séries de publicações de 39 países, a colaboração de 17 geógrafos de diferentes origens, como França, Itália, Alemanha, Suécia, Brasil e Canadá.

Os dez volumes, com os números 1 a 20, somaram cerca de 3130 páginas de texto, sem incluir os muitos desdobráveis e a larguíssima porção de folhas de estampas, desde 290 páginas do primeiro a 344 do nono (1974), correspondendo 71 p.100 delas a Artigos, 25 p.100 a Notas e recensões e 4 p.100 a *Varia* (Elementos estatísticos, Notas bibliográficas e Documentos para o ensino). O n.º 6 do vol. III (1968) foi preenchido com as comunicações apresentadas no I Seminário Internacional de Geografia, realizado em Lisboa dois anos depois de iniciada a publicação de *Finisterra*, e um Documento para o ensino.

Nesses primeiros dez anos procurou-se, «na organização da Revista, dosear variedade e coerência, mantendo uma estrutura uniforme, aspirando a um nível científico elevado, sem esquecer parte importante do seu público – os professores do ensino secundário». Foram publicados 3 a 5 artigos por número e, «sempre que possível, dando representação às grandes divisões temáticas da Geografia»: 49 títulos de Geografia física, 82 de Geografia humana, 36 de Geografia regional, 6 de Geografia histórica. Entre artigos e notas 97 títulos pertenceram à Europa (69 a Portugal), 4 à Ásia, 10 à América, 9 ao Brasil e 9 ao estudo da atmosfera e do espaço. Quanto aos territórios que até 1975 estiveram sob soberania portuguesa, houve 20 títulos, dos quais 13 dedicados a Angola, 3 a Moçambique e 4 aos restantes. Esta aparente pequenez deveu-se ao facto das missões de estudo dos geógrafos às terras ultramarinas terem sido financiadas pela antiga Junta de Investigações Científicas do Ultramar e os resultados publicados na sua revista, *Garcia de Orta*, e nas colecções de *Estudos, Ensaios e Documentos* e *Memórias* (I. do Amaral, «Estudos de geografia das regiões tropicais. Contribuições da 'Escola Geográfica de Lisboa'», *Garcia de Orta. Série de Geografia*, 1983, 8 (1-2), pp. 1-43).

Por razões políticas, a Comissão organizadora do XXIº Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1968 em Nova Deli, fez saber aos geógrafos portugueses que a União Indiana não lhes daria vistos de entrada (O. Ribeiro, «A propos du XXIº Congrès International de Géographie», *Finisterra*, 1969, IV(7), p. 94). Mas estiveram alguns no XXIIº Congresso, reunido no Canadá, em Montréal e outras cidades. Os testemunhos dos impulsos mais renovadores, e também mais controversos, estavam na teoria da Geografia e elaboração de modelos (os sistemas e geosistemas), na teledetecção e tratamento de dados (computação e informatização) para a cartografia temática. Só por si representavam a «revolução da Geografia teórica e quantitativa» que, desde o final da II Guerra Mundial, tinha adquirido intensidade cada vez maior. Falava-se então numa «metageografia», no futuro dos futuros, e, não raramente, essa renovação assumia aspectos de confrontação entre geógrafos ditos «tradicionais» e outros que se pretendiam «modernos».

Entre nós o período de 1966-1975 foi marcado, sobretudo, pelo aparecimento de novos e excelentes colaboradores da secção de Geografia da Faculdade de Letras e do Centro de Estudos Geográficos a ela ligado, com reflexos importantes em *Finisterra*. Aumentou o quadro de docentes e investigadores com a contratação de jovens licenciados muito dotados, que puderam apro-

fundar os seus estudos em centros estrangeiros onde a Geografia ganhava novos rumos e com especialistas de renome internacional. Uma vez regressados, participaram, activamente, na renovação da Geografia portuguesa e ocupam hoje os lugares cimeiros da hierarquia universitária. Cito-os pela ordem cronológica dos seus doutoramentos, mas tendo em conta que os estágios fora do País decorreram no período acima referido.

Jorge Gaspar, doutorado em 1972, depois de dois anos lectivos no Instituto de Geografia Humana da Universidade de Lund sob a orientação de Torsten Hägerstrand, introduziu entre nós conceitos e métodos inovadores para o estudo dos «problemas da hierarquia e relações de dependência de funções e lugares centrais», tomando como base territorial da sua tese A área de influência de Évora. Carlos Alberto Medeiros, doutorado em 1976 com uma tese de geografia humana e regional sobre A colonização das terras altas da Huíla (Sudoeste de Angola), onde viveu e leccionou, durante algum tempo, no pólo da Universidade de Luanda em Sá da Bandeira, tinha estagiado no Centro de Estudos de Geografia Tropical de Bordéus (*CEGET*, do *CNRS*) entre 1968 e 1970, e feito doutoramento de 3.º Ciclo na Universidade francesa, com base em elementos que foi recolher na ilha de Guadalupe, sob a orientação de Guy Lasserre. Carminda Cavaco, doutoramento em 1977 sobre O Algarve oriental, as vilas, o campo e o mar, era investigadora do Centro de Estudos Geográficos quando, anos antes, esteve em Estrasburgo, Paris e Caen, e pode aprofundar os seus conhecimentos de Geografia humana com Etienne Juillard, Louis Burnet e Pierre Brunet, e de Cartografia com Sylvie Rimbart. Teve por companheira Isabel Marques Medeiros, que também era investigadora do Centro. António de Brum Ferreira, doutor em 1978, apresentando uma tese sobre Planaltos e montanhas do norte da Beira, tinha passado os anos lectivos de 1968 a 1970 nas Universidades de Toulouse e de Clermont Ferrand, onde trabalhara com F. Taillefer e J. Demangeot, e A. Godard, especializando-se no estudo de orlas sedimentares e faixas de contacto com maciços antigos e destes com as respectivas coberturas. Maria Eugénia Moreira, licenciada por Coimbra, doutoramento em 1979 com uma tese de geomorfologia sobre a bacia do rio Umbelúzi, Moçambique, depois de ter vivido em Lourenço Marques e leccionado na sua Universidade, tendo estagiado em Estrasburgo e Paris. Maria Clara Mendes, 1979, sobre Maputo antes da independência, geografia de uma cidade colonial, em cuja Universidade leccionou, foi também colaboradora de projecto do Centro de Estudos Geográficos e é actualmente Prof. Cat. da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Paula Bordalo Lema, 1980, sobre Desenvolvimento das funções centrais em Trás-os-Montes, tendo feito estágios em França e na Inglaterra como bolsista ligada ao Centro, é Prof. Cat. da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Teresa Barata Salgueiro, doutoramento em 1983 com uma tese sobre Mercado de habitação e estrutura urbana na área suburbana de Lisboa, teve estágio e obtenção do grau de Mestre na Universidade de Chicago em 1973, especializando-se em domínios da Geografia urbana com Brian Berry. Maria Alfreda Cruz e João Pereira

Evangelista preparavam as suas teses de doutoramento em Lisboa, respectivamente, sobre geografia humana e regional da margem a sul do Tejo, e de geografia da população portuguesa. A seu tempo farei referência aos doutorados noutros períodos. É de assinalar a transmissão de saberes às gerações mais novas, mantendo-se viva a chama da Escola geográfica criada por Orlando Ribeiro, como congregação de mestres e discípulos. E dela é parte integrada a *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*.

Desde finais dos anos 60 o Instituto de Alta Cultura (IAC), a entidade instituidora do Centro de Estudos Geográficos, passou por importante reestruturação, combinada com um aumento muito considerável de verbas para o financiamento das actividades científicas universitárias, de bolsas de estudo no País e fora dele, e do desenvolvimento dos leitorados, através dos quais se promovia a difusão da língua e cultura portuguesa no estrangeiro. Estabelecidos novos planos, o Centro foi beneficiado com diversos projectos de investigação, no âmbito dos quais se produziram numerosos relatórios ciclostilados e textos incluídos em *Finisterra*. Em 1976 o Instituto de Alta Cultura foi substituído pelo Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), ao qual o Centro ficou ligado, e pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP). Por isso mesmo, se o volume de *Finisterra* 1975 ainda saiu com a indicação do IAC, o XI-1976 já tem a do INIC, continuando a publicação com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian, mantido até ao vol. XV-1980. A Revista nunca se desviou do estatuto prestigioso cimentado nos primeiros anos. Numa revista francesa podia ler-se o seguinte. «...le Portugal possède une école de Géographie trop active, utile et originale pour qu'on laisse les spécialistes être les seuls a en être informés ... Faire autant avec si peu de personnel et le faire aussi bien montre qu'aucun pays est victime de fatalités historiques s'il trouve une poignée d'enthousiastes décidés à décoller» (*Revue Française d'Études Politiques Africaines*, 1971, 67, p. 90).

*

No período de 1976-1985 mantiveram-se os dois números por ano, com cerca de 3550 páginas, sendo 53 p.100 ocupadas por Artigos, 36 p.100 por Notas e recensões e 11 p.100 por *Varia*. O número de páginas por volume rondou, em média, 350 – o maior (418 p.) foi o de 1983 e o mais pequeno (264 p.) o de 1984. O Secretariado, que tinha sido transmitido de Carlos Alberto Medeiros para Carminda Cavaco em 1968, passou desta para A. Machado Guerreiro em 1976, coadjuvado por João Ferrão (1981-1983), Diogo de Abreu (1983-1985) e Maria Fernanda Alegria (1985-1987). Em 1981 a Direcção de *Finisterra* foi alargada, com a inclusão de Jorge Gaspar e Carlos Alberto Medeiros.

Neste período houve inovações do conteúdo da Revista, de que dou apenas alguns exemplos. Em vários números tiveram relevo os Artigos e Notas e recensões extensas sobre detecção remota e técnicas de exploração de imagens satelitais com interesse para a pesquisa geográfica; a presença de longas listas

de bibliografia geográfica de Portugal; as notícias sobre a vida do Centro de Estudos Geográficos, como forma de tornar conhecidas as suas actividades. No segundo número de 1982 (o 34.º), os seus organizadores incluíram uma Nota de abertura dando conta que, «quer através de temas novos na bibliografia geográfica portuguesa, quer através de novos olhares sobre questões» que já tinham merecido «a atenção dos estudiosos da Geografia de Portugal», pretendiam, «por uma lado, exemplificar (demonstrando)» o que poderia «ser um caminho de mudança e, por outro lado, lançar mais algumas pistas para o alargamento do diálogo». Uma vez que se praticava «a Geografia como uma disciplina na interdisciplinaridade», tinham convidado para participarem no número «dois investigadores de áreas privilegiadas desse exercício: um sociólogo e um arquitecto, cujas abordagens» iriam, por certo, «contribuir para enriquecer o ... entendimento da realidade». Foi gratificante ver reafirmados, ao fim de dezasseis anos, os princípios orientadores de *Finisterra* definidos logo no seu primeiro número. No mesmo volume já tinha sido incluído um artigo estimulante de Peter Gould sobre a dinâmica de poliedros, subtulado como uma introdução para cientistas sociais, geógrafos e planeadores. O segundo número de 1983, o 36.º, foi um número temático, dedicado à Geografia das regiões tropicais.

Em 1980 teve lugar o XXIVº Congresso Internacional de Geografia, no Japão, e foram temas de maior interesse as alterações climáticas, os desastres naturais e a sua previsão, as questões relacionadas com o ambiente. O XXVº reuniu em Paris, 1984. No período de 1986 a 1995 assinalo a realização de dois Congressos internacionais de Geografia, o XXVIº em Sidney, em 1988, e o XXVIIº em Washington, em 1992, onde foram sublinhadas novas orientações científicas e preocupações geográficas globais. Tem havido o cuidado de registar em *Finisterra* os principais acontecimentos dos Congressos Internacionais e das Conferências Regionais da União Geográfica Internacional, da qual Portugal é membro antigo, e de outras reuniões magnas nacionais e internacionais de geógrafos e de especialistas em domínios afins da Geografia.

Entretanto, foram aumentando os números de doutores em Geografia, incluídos na Comissão Editorial da Revista à medida da obtenção do grau académico, e também de Mestres e Assistentes, colaboradores de projectos que decorrem no Centro e que têm dado contribuições preciosas para *Finisterra*. Passo a citar os doutores ligados a projectos no Centro de Estudos Geográficos desde o início das suas carreiras universitárias, com a indicação das áreas de especialização, de forma sintética e referidas pelas teses de doutoramento, pedindo desculpa pela falta de algum nome. João Ferrão, doutoramento em 1985 sobre Indústria e valorização do capital – uma análise geográfica, actualmente Investigador do Instituto de Ciências Sociais. Maria Fernanda Alegria, 1987, A organização dos transportes em Portugal (1850-1910), as vias e o tráfego, era, desde há vários anos, colaboradora permanente do Centro; está hoje, como docente, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A segunda metade do período de 1986-1995 foi conturbada para a vida do Centro de Estudos Geográficos e para *Finisterra*. Por dificuldades financeiras, numa fase de transição entre a extinção do Instituto Nacional de Investigação Científica, que teve lugar em Agosto de 1992, e a passagem das suas funções e organismos para a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, quebrou-se, pela primeira vez, a periodicidade semestral da Revista. Em vários anos houve que juntar dois números num só volume – 1992, XXVII (53-54); 1993, XXVIII (55-56); 1995, XXX (59-60), e depois 1999, XXXIV (67-68).

Não obstante esses percalços, pode-se dizer que a Revista manteve o tamanho e proporções das suas partes principais: cerca de 3460 páginas no conjunto dos dez volumes (menos de 300 páginas cada um dos duplos, mas acima de 400 os vols. XXII, XXVI e XXIX), correspondendo 61 p.100 a Artigos, 33 p.100 a Notas e resenhas e 6 p.100 a *Varia*. Até 1994 a Direcção era composta por Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau, Ilídio do Amaral, Jorge Gaspar e Carlos Alberto Medeiros; de 1995 a 2000, com a reestruturação referida, anteriormente, ela passou a ser assegurada por Carlos Alberto Medeiros, que transmitiu o cargo a Maria João Alcoforado. António Machado Guerreiro e Maria Fernanda Alegria garantiram o Secretariado até 1988, sucedendo a esta Carlos Patrício e Isabel André (1988-1990); em 1991 foram Secretários Maria Luísa Rodrigues e Carlos Nunes Silva, em 1992 Maria João Alcoforado, Nuno Marques da Costa, Maria Luísa Rodrigues, Carlos Nunes da Silva e José Luís Zêzere, em 1993 e 1994 apenas Maria João Alcoforado e em 1995 foi criada a Comissão de Redacção com esta mesma pessoa na qualidade de Coordenadora.

Tinham sido definidas, pelo Governo, novas linhas de orientação para a investigação científica universitária, revistos os Centros do IAC-INIC e integrados em Universidades, substituídos os projectos e linhas de acção por grandes projectos cooperativos (exemplo do PRAXIS e outros) alimentados, parcialmente, com verbas da CE. *Finisterra* não podia deixar de sofrer as consequências de tantas alterações e os anos de 1992 e 1993 foram vistos pela sua Direcção como tempos de «discussão crítica» podendo «conduzir à actualização do modelo da Revista, sem pôr em causa os princípios básicos que levaram à sua fundação e que permanecem válidos, actuais e exequíveis: a necessidade de uma Revista Portuguesa de Geografia, multipolar, aberta às inovações, ao diálogo interdisciplinar e internacional, no espírito da própria Ciência [...] respondendo às novas realidades da Geografia e do Planeta» (*Finisterra*, 1992, 27(53-54), pp. 1-2).

Com esta referência ao Planeta é curial recordar a importância ganha pelos problemas do ambiente, debatidos desde os primeiros anos de 70, ampla e minuciosamente discutidos na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, Junho de 1992, em que foram adoptadas a Declaração do Rio, a Agenda 21 e a Declaração Oficial de Princípios para um Consenso Global sobre a Gestão, a Conservação e o

Desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas, tendo sido abertas para assinatura dos Estados a Convenção-quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas e a Convenção para a Diversidade Biológica. As reuniões posteriores, sobretudo a de Kyoto, deram conta dos enormes problemas respeitantes ao relacionamento entre o Ambiente e o Desenvolvimento, de tanto interesse, igualmente, para os geógrafos.

Seja-me permitido recordar aqui José Gabriel Correia da Cunha, engenheiro agrónomo que depois se licenciou em Geografia, um colega e amigo que leccionou Geografia Aplicada e foi colaborador do Centro de Estudos Geográficos. Há 31 anos foi criada a Comissão Nacional do Ambiente para a qual Correia da Cunha foi nomeado Presidente, tendo-se feito rodear de alguns geógrafos.

Voltando à Revista, o n.º 57, de 1994, por exemplo, foi preenchido, quase na totalidade, por temas sobre «alterações relativamente profundas nos tecidos urbanos», com «vultuosos investimentos, parte dos quais rendibilizados pelo reforço da atracção internacional» ligados a acontecimentos internacionais. Serviram de bases os trabalhos de duas equipas de geógrafos, uma portuguesa e a outra espanhola, que se debruçaram sobre as transformações de Barcelona por motivo dos Jogos Olímpicos de 1992 e da parte oriental de Lisboa por causa da *Expo 98*. «A internacionalização das economias e a maior facilidade na transmissão contribuem para profundas alterações nos modos de vida» (Teresa B. Salgueiro e C. Carreras, *Finisterra*, 1994, XXIX(57), pp. 1-3).

Em 1995, por ocasião do seu 30.º aniversário, *Finisterra* apareceu com outra capa, colorida e mais sugestiva do que a primeira, concebida a partir de uma painel de azulejos do Palácio da Pena, mas conservada a esfera armilar, de forte simbolismo. Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau e eu próprio passamos a ser mencionados como Fundadores, constituindo-se uma Comissão de redacção, uma Comissão editorial bastante alargada e um conjunto amplo de Consultores, formado por docentes e investigadores de universidades nacionais e estrangeiras. Carlos Alberto Medeiros, então seu Director, numa síntese de duas páginas e meia, referiu-se às principais alterações do País (Portugal circunscrito à sua área continental europeia e às parcelas insulares das Regiões Autónomas; a integração do País na União Europeia e as novas relações) e do Planeta (os problemas ambientais e os processos da globalização), dos métodos e conceitos geográficos que tiveram «reflexos nos sucessivos números da Revista», mantendo-a uma publicação sempre actual, com posição de relevo que soube conquistar graças aos seus colaboradores (*Finisterra*, 1995, XXX(59-60), pp. 1-3). Mais uma vez ficou evidente a validade das palavras de Orlando Ribeiro no primeiro número – «as páginas da Revista estão abertas a todos os que [...] cultivam estudos geográficos ou matérias afins, na margem, necessariamente imprecisa, em que as Ciências se tocam, se recobrem e se confundem» – e as que encerram as «Linhas de Rumo do vigésimo-primeiro – «a nossa Revista tem de estar atenta às importantes modificações que durante a sua vida se produziram. Ela deve continuar a ser um testemunho internacional da

qualidade da Geografia que procuramos fazer e uma orientação para todos os que, no ensino ou na pesquisa, carecem de noções claras da Ciência a que se dedicam».

Em relação à progressão em carreiras docentes, houve muitos doutoramentos de licenciados e mestres, a maior parte com estágios de aperfeiçoamento em centros estrangeiros. Insisto neste tipo de informações porque dão, de certo modo, uma ideia das áreas de pesquisas no Centro, da vitalidade da Escola geográfica de Lisboa, com testemunhos em *Finisterra*. Desculpar-me-ão os colegas se tiver cometido erros de escala de precedências definidas pelas datas de obtenção do grau académico. Maria Helena Dias submeteu-se a provas em 1988, com uma tese sobre Leitura e comparação de mapas temáticos em Geografia. Maria Lucinda Fonseca, 1989, População e território; do País à Área Metropolitana. Diogo de Abreu, 1989, Desenvolvimento regional no Oeste, problemas e métodos. Maria João Alcoforado, 1989, O clima da região de Lisboa: vento, insolação e temperatura. Denise de Brum Ferreira, 1990, *Le climat de l'Atlantique orientale des Açores aux îles du Cap Vert, contribution à l'étude du système océan-atmosphère*, defendida na Universidade de Paris-Sorbonne, desde há vários anos era colaboradora permanente do Centro. José Manuel Simões, 1990, Saúde: o território e as desigualdades. Ana Ramos Pereira, 1991, A plataforma litoral do Alentejo e Algarve ocidental; estudo de geomorfologia. Isabel Margarida André, 1994, O falso neutro em geografia humana – género e relação patriarcal no emprego e no trabalho doméstico. Maria Catarina Ramos, 1995, Condições geomorfológicas e climáticas das cheias da ribeira de Tera e do rio Maior (bacia hidrográfica do Tejo). Maria Teresa Alves, 1995, Serviços e reestruturação produtiva: utilização de serviços pelas explorações agrícolas da Raia central e desenvolvimento regional. Carlos Nunes Silva, 1995, Poder local e território; análise geográfica das políticas municipais, 1974-94. Maria Alexandra Lousada, 1996, Espaços de sociabilidade em Lisboa, finais do século XVIII a 1834.

*

Finisterra continua firme na sua rota de prestígio, como demonstram os volumes dos últimos cinco anos (1996 a 2001). Jorge Gaspar, a propósito de um projecto internacional de geografia industrial, referiu-se, de forma clara, a novas orientações da Geografia portuguesa. Por isso mesmo transcrevo as suas palavras, com desdobramento das siglas, em favor do leitor menos esclarecido sobre os seus significados, e a omissão de alguns pedaços, por ainda não terem tido expressão efectiva em *Finisterra*. «O processo de reestruturação produtiva que se iniciou nos anos 70 na maior parte dos países industrializados e que viria a ser retardado no caso português, pelas profundas alterações políticas, económicas e sociais, que se sucederam a 25 de Abril de 1974, originou um vasto movimento de reflexão teórica e desencadeou numerosas análises, na busca de interpretações satisfatórias para as novas dinâmicas territoriais da indústria.

Em Portugal, após a integração europeia, a questão assume ainda maior acuidade, com a crescente aceleração do processo de reestruturação económica».

«Este facto teve reflexos nas orientações temáticas da investigação levada a cabo no Centro de Estudos Geográficos, tendo-se observado um ‘renascer’ da investigação da geografia industrial, que se traduziu na elaboração de dissertações, de mestrado e de doutoramento, algumas já concluídas e apreciadas publicamente, outras em diferentes fases de desenvolvimento. Foi neste contexto que a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica aprovou um projecto de investigação (PCSH/C/GEO/715/93), que acabaria por integrar algumas das investigações emergentes e permitir um mais aprofundado e consequente relacionamento com investigadores de outros países».

«Entretanto, da participação do Centro de Estudos Geográficos num concurso no âmbito do Programa Comunitário de Mobilidade do Capital Humano, em conjunto com mais cinco centros de investigação europeus, e sob a liderança do *Center for Urban and Regional Development Studies (CURDS)*, resultou a formação da rede EUNIT (*European Network on Industry, Innovation & Territory*) que iniciou as suas actividades em 1994, cabendo ao Centro de Estudos Geográficos, especificamente, os domínios da indústria têxtil e do vestuário, e do sector automóvel». ... «Os artigos que se publicam neste número da revista *Finisterra*, também evidenciam, na globalidade e nas suas especificidades, as sinergias que se têm conseguido na confluência do ensino pós-graduado com o projecto de investigação financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, apoiada pelo programa Mobilidade do Capital Humano da União Europeia» (*Finisterra*, 1996, XXXI(62), pp. 3-4). Também noutros domínios dos estudos geográficos, nas suas componentes geral e regional, como nos da Geografia Física, da Fitogeografia e do Ambiente, da Geografia Rural, da Geografia Urbana, nos da Teoria da Geografia, se abriram novas linhas de pesquisas, como testemunham diversos artigos publicados na Revista.

Dois dos números mais recentes foram inteiramente dedicados a homenagear dois dos seus fundadores, Suzanne Daveau (1997, XXXII, 63) e Ilídio do Amaral (1999, XXXIV, 67-68), e numa parte de outro se evocaram Orlando Ribeiro e Manuel Viegas Guerreiro (1998, XXXIII, 65), antes das comunicações do Simpósio sobre «Viagens, circulação e transferência de ideias geográficas (séculos XIX e XX)», realizado em Lisboa, no âmbito das actividades da Comissão de História do Pensamento Geográfico, da União Geográfica Internacional. Também em 1998, ano em que o Centro de Estudos Geográficos organizou a Conferência Regional dessa União, a Revista fez-se eco deste importante evento (1998, XXXIII, 66).

Prosseguiram, como seria de esperar, os doutoramentos em Geografia. José Luís Zêzere, 1998, apresentando uma tese sobre Movimento de vertentes e perigosidade geomorfológica na região a norte de Lisboa. Maria Luísa Rodrigues, 1999, Evolução geomorfológica quaternária e dinâmica actual, aplicações no ordenamento do território – exemplos no Maciço Calcário Estremenho. Carlos

da Silva Neto, 1999, A flora e a vegetação na faixa litoral entre Tróia e Sines. Herculano Cachinho, 1999, O comércio retalhista português na (pós-)modernidade: sociedade, consumidores e espaço. Mário Vale, 1999, Geografia da indústria automóvel num contexto de globalização – imbricação espacial do sistema auto-Europa. Jorge Macaíta Malheiros, 2001, Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação. Eduarda Costa, 2001, Cidades médias e ordenamento do território: o caso da Beira interior.

A «Nota Editorial» do n.º 69, vol. XXXV, de 2000, assinada por Maria João Alcoforado, sublinhou a progressiva internacionalização de *Finisterra*, com numerosas permutas e assinaturas, a publicação de resumos traduzidos nas principais línguas de difusão científica, e a colaboração de cerca de 40 autores estrangeiros. Na era da *Internet* a Revista não podia deixar de estar presente nesse meio de informação, por ora com os seus índices e resumos dos artigos em duas línguas na página do Centro de Estudos Geográficos.